

O papel das representações sociais de gênero nos debates sobre a conjugalidade e o swing: a visão das revistas masculinas durante a década de 1970.

Antonio Fontoura Jr. (UFPR)

Este artigo tem como tema os conflitos acerca dos papéis sociais atribuídos aos gêneros, resultantes das discussões, durante a década de 1970 e início da década de 1980, sobre a prática do *swing* – ou troca de casais – que surgia no Brasil. Esta questão é discutida a partir dos discursos das revistas masculinas do período, particularmente *Ele Ela*, *Playboy* e *Peteca*.

Em um momento histórico em que a sociedade brasileira temia pelo futuro da instituição familiar que se acreditava em crise¹ – tema que nem mesmo as revistas masculinas se furtavam a debater – o sexo conjugal era colocado em evidência, e o quarto do casal tornava-se espaço privilegiado para a construção de possíveis estratégias que diminuíssem as razões para a separação. E o adultério, tido como o pior inimigo do casamento, passaria a ser combatido de dentro, com a sexualização do casal².

Isso significava construir discursos de estímulo à vida sexual dos cônjuges, combate aos principais problemas sexuais masculinos (impotência) e femininos (menopausa, frigidez) e a difusão da ideia de que o normal – e esperado – era sentir desejo sexual pelo mesmo parceiro por toda a vida³. Embora a negação da sexualidade da mulher tenha sido, historicamente, uma estratégia para o adequado desempenho de seu papel de mãe⁴, a partir da década de 70 surgiram concessões à sexualização da esposa, visando a manutenção do casamento

Se por um lado o período era marcado pela pílula anticoncepcional, a minissaia, o uso de preservativos (ainda que não tão populares), o crescimento dos motéis – dentre vários elementos que caracterizavam uma revolução sexual da qual o país acreditava participar –, por outro havia a preocupação com o número de separações e desquites, os casos de adultério e os debates sobre o divórcio (cuja lei acabou sendo aprovada em 1977⁵). Temas que, de acordo com a mídia do período, acreditavam-se relacionados.

As revistas masculinas repercutiam estas questões a partir, obviamente, de sua ótica. Dentro dos limites permitidos pela censura, os corpos eram expostos com uma qualidade gráfica inédita, contos eróticos apresentavam os supostos benefícios trazidos pela liberdade sexual, e eram discutidas as possíveis consequências da *Women's Lib* e da “revolução sexual” na vida de homens e mulheres.

Ao mesmo tempo, e ainda que estas revistas defendessem a liberação feminina e a igualdade dos sexos⁶, havia concepções bem claras das diferenças existentes entre o masculino e o feminino, cada um com suas características e preferências bem definidos. As relações de poder e as obrigações resultantes desta diferenciação eram apresentadas como reflexos de diferenças naturais e, por isso, havia também naturais limites, direitos e deveres demarcados dentro do casamento. Menos liberais do que se poderia supor, os textos apresentavam a conjugalidade como modelo definidor dos tipos de atividade sexual: havia o sexo conjugal, o pré-conjugal e o extraconjugal.

É neste contexto que surgem os primeiros registros sobre o *swing* no país, nos anos iniciais da década de 1970. Através de anúncios pequenos, discretos e quase cifrados, publicados geralmente aos domingos, no Jornal do Brasil do Rio de Janeiro, casais ofereciam-se a outros, de perfis semelhantes, para a realização da troca sexual de parceiros, em um mútuo adultério consentido e simultâneo.

CASAL – Bom nível sócio-econômico, cultural e ótima aparência deseja conhecer outros do Rio ou de outros Estados para relacionamento e amizade. Cartas para a portaria deste Jornal sob n. 442341/05.⁷

A partir de meados da década de 70, este movimento desorganizado e improvisado, mas que crescia a cada domingo, chamou a atenção da mídia em geral, e das revistas masculinas em particular. Rapidamente multiplicaram-se reportagens sobre o tema. A Folha de S. Paulo afirmava, em 1979, que a “troca de casais é a grande bossa do momento”⁸. O tema era tratado nos suplementos femininos dos jornais e a própria revista *Veja* dedicou três reportagens ao tema, entre 1977 e 1979 (sendo uma delas, reportagem de capa). Podem-se multiplicar os exemplos: Luiz Carlos Cardoso, em 1979, mudou o título de sua peça de teatro “A Grande Porrada” (pois se iniciava com um acidente automobilístico) para “Swing: a troca de casais”, com o “objetivo de atrair o público”, mesmo que não abordasse o tema⁹; vários filmes brasileiros no período foram produzidos tendo o *swing* como

pano de fundo; e títulos internacionais – como “Loving Couples” e “Bruciati da cocente passione¹⁰” –, foram colocados em cartaz, respectivamente, como “A troca de casais” e “Troca de casais à italiana”. Exemplos de como a mídia em geral foi impactada pelo tema.

Cada sociedade constrói discursos que refletem sua própria concepção a respeito da condição social dos gêneros, a partir das diferenças anatômicas percebidas entre os sexos; sendo que as diferenças anatômicas são, elas mesmas, produzidas socialmente¹¹. O ser “homem” e “mulher” em uma determinada sociedade, portanto, refletem o resultado de uma construção social que é, portanto, histórica. Deve-se destacar que as atribuições dadas ao masculino e ao feminino estabelecem-se como naturais e óbvias, introjetadas no comportamento e construindo “este artefato social que é um homem viril ou uma mulher feminina”¹².

E serão justamente os discursos sobre os papéis de gênero, as limitações percebidas para os usos dos corpos, e a responsabilidade feminina e masculina na sexualidade conjugal – todos dados considerados “naturais” e que serviam de base para os discursos de como os comportamentos femininos e masculinos *deveriam* ser – que fornecerão os elementos constituintes do debate sobre a validade da prática *swing* nos anos 1970 e início da década seguinte.

A imprensa do período, de uma forma geral, procurava compreender aquela recém-descoberta prática da troca de casais dentro de uma dupla perspectiva: a liberação sexual que ocorria, permitindo inéditas experiências sexuais (o *swing* era, claramente, este caso); e as discussões sobre os papéis de homens e mulheres dentro do casamento e a importância da relação sexual conjugal para sua manutenção. Procurava-se encaixar o *swing* dentro deste quadro, buscando descobrir onde estava a fronteira do aceitável – mesmo em uma época de liberação sexual – para o sexo conjugal.

O surgimento do *swing* no Brasil e seu destaque na mídia

Movimento já organizado em certas regiões dos Estados Unidos e conhecido em vários países da Europa, o *swing* estava apenas iniciando no Brasil dos anos 1970. Inspirados por experiências estrangeiras, casais de classe média alta do Rio de Janeiro, São Paulo e, logo a seguir, outras cidades, divulgavam seus números de

Caixa Postal visando conhecer outros casais com os quais poderiam, eventualmente, realizar a tão desejada “troca”. Processo que não raro demandava meses, por conta da longa troca de correspondências e pelo próprio receio dos participantes.

Esta demorada negociação envolvia intercâmbio de confidências, de fotos (nas quais os rostos eram apagados ou recortados) e, quando a confiança era estabelecida, de números de telefones. Em geral os casais usavam pseudônimos, e nomes e sobrenomes reais surgiam apenas quando estavam prestes a se conhecer pessoalmente – o que usualmente ocorria em ambientes públicos, como bares e restaurantes. Sem espaços específicos para conhecer outros adeptos (o primeiro clube de *swing* irá surgir no Brasil apenas em 1981) este lento ritual permitia que um casal tido como experiente tivesse cerca de três experiências no ano.

Pouco se sabia da extensão e das características dos participantes do *swing* brasileiro. O crescimento da prática era medido (e a curiosidade despertada), basicamente, pela única fonte de informação pública disponível: o aumento do número de anúncios do Jornal do Brasil de domingo. A revista Playboy afirmava: “fala-se muito desta prática (do “swinging”), mas ela só ocorre em círculos fechados, havendo pouquíssima divulgação a respeito”¹³.

O *swing* surge neste primeiro momento não como um fetiche a ser incorporado aos textos e fotos eróticos, mas como um fenômeno a ser analisado. A revista Playboy, por exemplo, constatava que em 1980 havia “muita coisa distorcida e imaginosa sendo publicada ultimamente sobre o swinging”. Por isso se propôs, em longa reportagem, a “penetrar mais fundo no universo dos swingers” descobrindo, afinal, quem eram e quais as ideias dos casais desta “rede subterrânea de swingers”¹⁴. Ele Ela, por sua vez, apresentava em 1980 uma matéria dividida em duas edições sobre “uma nova faceta do comportamento sexual brasileiro: o sexo praticado pelos chamados casais trocados, os swingers”. E na edição seguinte comemorava o fato da reportagem ter “ganho na mesma semana as atenções de um movimentado programa de televisão paulista e um debate entre o pessoal da redação de um jornal de Alagoas”¹⁵.

Havia, assim, um grande interesse sobre o tema. Basicamente, procurava-se responder a três questões sobre o fenômeno: como agiam os praticantes do *swing* –

antes, durante e depois da troca; qual o perfil destes casais; e, principalmente, como conseguiam conjugar a ideia de casamento com a de adultério, mesmo que consentido?

E para obter respostas, a estratégia das revistas masculinas era basicamente a mesma: obter, de alguma forma, a opinião dos casais que se anunciavam nos jornais; e consultar uma ampla gama de especialistas – psicólogos, sexólogos, psiquiatras, religiosos, psicoterapeutas, médicos – para dar sua opinião “científica” sobre as causas e o significado do *swing*.

Os discursos sobre o *swing*

As diferentes representações sobre o *swing* relacionam-se a posições, utilizando-se a terminologia de Chartier¹⁶, competidoras. O debate sobre o *swing* – especialmente, a dúvida se a sexualidade conjugal poderia transgredir algumas de suas regras mais tradicionais, em busca da salvação do próprio matrimônio – explicita determinados pontos de afrontamento¹⁷ de diferentes representações sobre o casamento, a sexualidade e os papéis masculino e feminino. As diferentes concepções e discursos do período refletem, assim, diferentes posições e concepções a respeito da própria sociedade. Tanto daquela que existia, quanto da que gostariam que fosse¹⁸.

Não se deve esquecer que são poucos os momentos em que os casais praticantes do *swing*, neste período, falavam sobre as próprias concepções a respeito do tema. Este grupo era, por definição, discreto e buscava preservar uma imagem pública que acreditava ameaçada se sua específica prática sexual fosse conhecida. Por isso, serão apenas seus anúncios em revistas e jornais alguns dos concisos e escassos momentos em que se podem extrair as impressões dos casais envolvidos com esta prática. No mais, serão reportagens específicas que permitirão conhecer detalhes destes discursos, com o cuidado de serem percebidos como selecionados e mediados pelo jornalista.

Sob o ponto de vista da relação do *swing* com o modelo de casamento – e, particularmente, de sexo conjugal vigente – extraem-se dois discursos básicos da época. Em primeiro lugar, um discurso justificador, que apresentava os praticantes do *swing* com um grupo conservador, defensores da família e do casamento e que

condenavam o adultério – algo que, segundo sua visão, era o oposto do que praticavam. Neste discurso, o *swing* era apresentado como um meio de reforçar o casamento e a cumplicidade entre os cônjuges. Utilizavam-se, ainda, de elementos da argumentação feminista, ao pregar a igualdade de oportunidades sexuais para homens e mulheres, e da liberação sexual, condenando uma sociedade repressora que consideravam hipócrita.

Em segundo lugar, há o discurso da condenação. Este é baseado em uma longa tradição ocidental de conceber o casamento como o local preferencial para o sexo¹⁹, bem como de censura à sexualidade feminina, que deveria ser controlada²⁰. Se a sociedade acreditava que o sexo conjugal deveria, suposta e idealmente, ser confinado ao sagrado espaço do quarto do casal²¹, no *swing* é compartilhado com outras pessoas; e a esposa, por sua vez, exerce sua sexualidade com outras que não o marido.

Em uma sociedade patriarcal, a esposa é a mãe, a “rainha do lar”, a mulher sem sexualidade que o pensamento conservador acreditava ser seu estado “natural”. Considerando-se os dois grandes estereótipos da mulher – de um lado, a mãe, de outro, a prostituta²² – o *swing* afrontava as concepções tradicionais de casamento unificando estes dois modelos em um único personagem. Ao homem restava a condenação de ser traído – com o seu consentimento – e, muito comumente, a acusação de prostituir a própria esposa.

O primeiro discurso: a justificativa do *swing*

Casal, 33/28 anos, formação universitária, ótima aparência, alegres, liberais, educados, maduros, discretos, alto nível sócio-cultural, família tradicional, eternos amantes, preocupados com a possível monotonia e infidelidade no futuro, deseja corresponder-se com casais entre 25/40 anos, sinceros, residentes em São Paulo ou nas proximidades, para amizade, troca de vivências e quem sabe... Só responderemos àqueles que se enquadrarem conosco. Cartas com fotos para R. e M. Caixa Postal 12.600, CEP 01000, São Paulo, SP²³.

Casais de classe média alta, estabelecidos financeiramente, vivendo um relacionamento duradouro e que “não tolerariam a hipótese de um simples e inocente adultério”²⁴. Ao constatar o perfil conservador dos praticantes do *swing* no Brasil, uma reportagem da Playboy, em 1980, exclamava: “Surpresos? Nós ficamos”²⁵.

Porque, ao contrário que o diferencial de seu comportamento poderia fazer supor, não era um grupo que a sociedade da época considerava, como se dizia, “avançado”. Revelaram-se, na verdade, defensores da instituição familiar estabelecida, sendo o *swing* sua maneira própria de auxiliar a preservação desta instituição ao combater a monotonia do casamento e, além disso, prevenir a traição.

Por isso, eram tão comuns as variações de um alerta nos anúncios dos casais: “não aceitamos e nem permitimos envolvimento emocional”²⁶. Não apenas uma precaução, mas parte do princípio de que o *swing* referia-se apenas ao ato sexual, e não deveria atingir o casamento (espaço exclusivo para o sentimento). Como um casal de São Bernardo do Campo admitiu, “a realidade é o casamento, os filhos, o emprego e a comunhão de bens. E a fantasia é tudo o que puder ser acrescentado a esse universo, desde que não ameace a sua estrutura e, se possível, até a reforce”²⁷.

Esta racionalização permitia que os casais mantivessem não apenas a aparência, mas realmente acreditassem na manutenção de seus papéis sociais tradicionais – a mulher, dona-de-casa e mãe; o marido, provedor de uma família financeiramente estável (aliás, ser um “casal de bom nível socioeconômico” era um apelo comum nos anúncios).

Por mais que fossem utilizados partes do discurso de liberação sexual e de igualdade entre homens e mulheres, o fato é que elementos do patriarcalismo, típico da família nuclear, permaneciam bastante evidentes: era o homem quem escrevia a maioria das cartas, e a mulher quem era apresentada na maioria das fotos; o bissexualismo masculino altamente reprovado, enquanto o feminino era desejado e estimulado; as mulheres não tinham poder de veto em relação a outros casais (eram obrigadas a aceitar ter relações sexuais, mesmo quando não desejavam o marido da outra) ao contrário dos maridos. E, se a negociação entre os casais demorasse, eram os maridos, sozinhos, que se encontravam em um local público para acertar os últimos detalhes. Afinal, não era o homem o cabeça do casal?

Como concluiu a revista *Playboy*, em 1979

os swingers não querem se separar e são capazes de tudo para manterem-se juntos, aderindo até mesmo a essa nova e sofisticadíssima forma de defesa da tradição, da família e da propriedade, que é a de transar dentro do casamento e com a conviência do parceiro²⁸.

O segundo discurso: a condenação do *swing*

“Abraçando o Matrimônio, vocês prometem amor e fidelidade um ao outro. É por toda a vida que o prometem?”²⁹. A pergunta, presente no ritual católico do matrimônio, é meramente retórica e estabelece, claramente, a fidelidade como uma das condições essenciais do casamento. A quebra desta promessa implicaria não apenas em sanção religiosa, mas também social, como problemas na família, repreensão pública e mesmo angústia pessoal. Diz um dos dez mandamentos: “não cometerás adultério”, seja ele consentido ou não.

A condenação à prática do *swing* que se depreende dos discursos presentes nas revistas masculinas do período passava, em primeiro lugar, por uma crítica ao rompimento dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres no casamento. A revista *Peteca*, que acreditava dar aos leitores “uma orientação saudável e correta o tanto quanto possível, dentro de uma filosofia sem preconceitos ou falso puritanismo” em relação às práticas sexuais, acusou um marido, por exemplo, de estar prostituindo a esposa, ao praticarem o *swing*³⁰.

A honra sexual mantinha-se como a base da família, e a força moralizadora da honestidade sexual das mulheres base da sociedade³¹: não se pode esquecer que nos anos 70 se observou um recrudescimento dos “crimes de honra” e uma grande aceitação pelos tribunais do argumento da “legítima defesa da honra” em assassinatos cometidos contra mulheres tidas como adúlteras.

Ainda que as principais críticas fossem dirigidas ao papel da mulher dentro do *swing*, também o papel social do homem, dentro do casamento, era questionado. À representação caricata do homem traído – fraco, dominado pela esposa, sem virilidade – era adicionado o fracasso como marido, pois *sua* mulher – destaca-se aqui o pronome possessivo – estava tendo relações sexuais com outros homens, com sua permissão.

A condenação moral do *swing* era suportada pela opinião de especialistas das mais diversas áreas, que apresentavam sua posição científica e técnica sobre o *swing*. A revista *Peteca*, valendo-se da “palavra dos mais conceituados

sexologistas, psicólogos ou psicoterapeutas, psiquiatras, sociólogos e educadores” afirmava:

A maioria dos psicanalistas brasileiros é de parecer que ‘algo está errado’ com os casais praticantes do swinging, quase sempre são pessoas frígidas ou com outros problemas, evitando assumir suas perversões sexuais. Incapaz de realizar o ato sexual com sua esposa, ele apela para esse expediente. Em alguns casos, inclusive, os especialistas são de opinião que há um ‘componente homossexual’ nessa problemática³².

Tornou-se comum a “psiquiatrização do prazer perverso”³³ do *swing*. Antigas e novas disciplinas, envolvidas em analisar o que era válido dentro do novo mundo sexual, rapidamente deram seu veredito de condenação à prática. Vários eram os diagnósticos: comportamento esquizóide, de co-dependência neurótica, de perversão sexual, que os aproximava de manicômios. Sustentava-se, assim, a condenação moral.

Conclusões

Ainda que a troca de casais suscitasse posicionamentos apaixonados dos defensores e dos contrários à prática, é importante notar a ausência de conflito em relação às concepções de família. Se um grupo acreditava que o *swing* poderia ser um ataque aos papéis tradicionais de marido e de esposa, os próprios praticantes viam-se como seus defensores e, mais, que sua prática fortalecia os laços conjugais e, por consequência, a própria instituição familiar.

Assim, as posições sobre a prática partiam de semelhantes representações de masculino e de feminino, bem como do casamento e da família, disponíveis socialmente. Porém, chegavam a conclusões antagônicas sobre o *swing*. Ao incorporar os discursos de liberdade sexual e de igualdade de gêneros, os casais praticantes, mais do que construir uma justificativa, acreditavam reformar aspectos que consideravam ultrapassados no casamento.

A inovação que propunham – e talvez seja possível resumir nesta fórmula a diferença nos discursos – era uma separação entre a monogamia social e a monogamia sexual. Uma separação, aliás, que somente poderia ocorrer sob estritas regras, que visavam garantir a manutenção da conjugalidade.

Nos primeiros anos da década de 1980 ocorre uma diminuição da curiosidade e no ímpeto das discussões. A conclusão de todo debate sobre os casais envolvidos no *swing* parece ter sido semelhante àquele obtido pelo psicólogo

norte-americano Brian Gilmartin, em sua pesquisa sobre o *swing* nos Estados Unidos: “o que existe de mais fenomenal na vida dos swingers é o fato de levarem eles uma vida tão pouco fenomenal”³⁴. A prática se institucionaliza, transformando-se em mais um produto do mercado erótico – tema de fantasias e de contos, de ensaios fotográficos e literatura pornográfica, de clubes e festas temáticos.

Referências bibliográficas

- ARCHANJO, Daniela Resende. Um debate sem embate: a discussão sobre o divórcio no Congresso Nacional (Brasil, 1951-1977). Curitiba: UFPR, 2008. Tese de doutorado em História.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CAULFIELD, Sueann. Em defesa da honra. Campinas, Editora da UNICAMP, 2000.
- CHARTIER, Roger. A História Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- DEL PRIORE, Mary. Histórias Íntimas. São. Paulo: Editora Planeta, 2011.
- FOUCAULT, M. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- GIKOVATE, Flavio. O homem, a mulher o casamento. São Paulo: M.G. Ed. Associados, 1982.
- GILMARTIN, Brian. That swinging couple down the block. Psychology Today, Fevereiro de 1985.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.
- MORAES, Eliane; LAPEIZ, Sandra. O que é pornografia, São Paulo: Brasiliense, 1984.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo Martins de. A construção social da masculinidade. Tese, Doutorado em Sociologia, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2002.
- Rito Sacramental do Matrimônio. Diocese de Campina Grande. Catedral de Nossa Senhora da Conceição. Celebração coletiva do matrimônio. 29 de agosto de 2008. Disponível em www.catedralcg.org.br/catedral/assuntos/arquivos_assuntos/17_48cc40ac6a6e7.doc
- WEID, Olivia von der. *Swing*, o adultério consentido. Rev. Estud. Fem. vol.18 no.3 Florianópolis Set./Dez. 2010.

-
- ¹ ARCHANJO, Daniela Resende. Um debate sem embate: a discussão sobre o divórcio no Congresso Nacional (Brasil, 1951-1977). Curitiba: UFPR, 2008. Tese de doutorado em História.
- ² DEL PRIORE, Mary. Histórias Íntimas. São. Paulo: Editora Planeta, 2011.
- ³ GIKOVATE, Flavio. O homem, a mulher o casamento. São Paulo: M.G. Ed. Associados, 1982.
- ⁴ MARTINS, Ana Paula Vosne. Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.
- ⁵ ARCHANJO, Daniela Resende. op. cit.
- ⁶ MARTINS, Ana Paula Vosne. Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.
- ⁷ Jornal do Brasil, 7 de janeiro de 1975, Classificados p1
- ⁸ MIRANDA, Tavares de. Uma família de cineastas. Folha de S. Paulo, 1º de janeiro de 1979. Ilustrada p16.
- ⁹ DEL RIOS, Jefferson. Classe média, sabor abóbora desesperado. 4 de junho de 1980. Ilustrada p31.
- ¹⁰ Os títulos podem ser traduzidos de uma forma mais literal como “Casais apaixonados” e “Queimados por uma paixão ardente”.
- ¹¹ BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- ¹² BOURDIEU, Pierre. Op. cit. p. 32.
- ¹³ Playboy, dezembro de 1979, p. 173.
- ¹⁴ Playboy, julho de 1980, p. 3.
- ¹⁵ Ele ela, maio de 1980 p. 3.
- ¹⁶ CHARTIER, Roger. A História Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- ¹⁷ CHARTIER, Roger. op. cit. p. 17
- ¹⁸ CHARTIER, Roger. op. cit. p. 19
- ¹⁹ OLIVEIRA, Pedro Paulo Martins de. A construção social da masculinidade. Tese, Doutorado em Sociologia, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2002.
- ²⁰ MARTINS, Ana Paula Vosne. Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.
- ²¹ FOUCAULT, M. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- ²² MORAES, Eliane; LAPEIZ, Sandra. O que é pornografia, São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ²³ Ele ela, Maio de 1979, p. 15.
- ²⁴ Playboy, julho de 1980, p. 52.
- ²⁵ Playboy, julho de 1980, p. 52.
- ²⁶ Homem, outubro de 1980, p. 70.
- ²⁷ Playboy, julho de 1980, p. 128
- ²⁸ Playboy, Julho de 1980, p. 128.
- ²⁹ Rito Sacramental do Matrimônio. Diocese de Campina Grande. Catedral de Nossa Senhora da Conceição. Celebração coletiva do matrimônio. 29 de agosto de 2008. Disponível em www.catedralcg.org.br/catedral/assuntos/arquivos_assuntos/17_48cc40ac6a6e7.doc
- ³⁰ Peteca, Junho de 78, p. 37.
- ³¹ CAULFIELD, Sueann. Em defesa da honra. Campinas, Editora da UNICAMP, 2000.
- ³² Peteca, Agosto de 1978, p. 36.
- ³³ FOUCAULT, Michel. op. cit.
- ³⁴ GILMARTIN, Brian. That swinging couple down the block. Psychology Today, Fevereiro de 1985, p. 58.